

Biodiversidade definha na mata do Nordeste

MARCELO LEITE
especial para a Folha

O mar não vai virar sertão; a mata, sim. Nem tudo é caatinga no Nordeste, que tem também

manchas vestigiais de mata atlântica, fadadas porém ao empobrecimento. Dois terços das espécies de árvores já se encontram na fase de extinção.

A pesquisa é de brasileiros e sai

hoje na revista "Nature" —o que já constitui notícia, pois não é comum cientistas sul-americanos penetrarem a barreira de qualidade da prestigiada publicação. Trata-se também da estreia de José

Maria Cardoso da Silva e Marcelo Tabarelli na "Nature".

Ambos trabalham no Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Silva, 34, é ornitologista,

paraense e doutorou-se pela Universidade de Copenhague, na Dinamarca. Diz que "não consegue viver sem creme ou sorvete de cupaçu" (uma fruta amazônica aparentada com o cacau).

O ecólogo Tabarelli, 33, nasceu no Rio Grande —do Sul. Ainda toma chimarrão, mesmo sob o calor nordestino.

Sua área de pesquisa são as manchas de mata atlântica ao norte do rio São Francisco (veja mapa abaixo). Elas somam pouco mais de 35 mil quilômetros quadrados, dos quais 98% já foram devastados.

"Estimamos que, se o ritmo do desmatamento e das perturbações aos fragmentos (remanescentes) continuar, em duas ou três décadas teremos presenciado a morte de uma das mais interessantes biotas que já existiram no Brasil", diz Silva. As mais fortes pressões vêm da caça e da extração ilegal de madeira.

Silva e Tabarelli resolveram verificar o efeito de algo que podiam constatar a olho nu nessas matas de Pernambuco: o desaparecimento de grandes animais frugívoros (comedores de frutos), como a cutia e o jacu. Eles queriam saber que árvores sofreriam mais com seu sumiço.

A escassez desses animais afeta as plantas porque elas dependem deles para a dispersão das sementes. Depois de comer o fruto, o bicho acaba depositando a semente em outro local, com as fezes. Muitas sementes só germinam após a passagem pelo trato intestinal.

Tamanho é documento. Sementes grandes só passam por goelas idem, o que põe sob ameaça árvores de frutos e sementes avantajados. Mas há também sementes que, mesmo acondicionadas em frutos pequenos, são dispersadas por primatas e por aves grandes (jacus, aracuãs, tucanos, aracarís e arapongas).

Sua conclusão é que nada menos do que 48% das espécies que dependem dos animais têm suas sementes dispersadas por apenas 24% dos pássaros frugívoros. Isso equivale a 34% das espécies arbóreas conhecidas naquelas matas.

Floresta do futuro

"A floresta do futuro será pobre, dominada por espécies com frutos dispersos por fatores abióticos (tais como vento ou água) ou plantas com frutos pequenos e dispersos por aves pequenas e generalistas, que vivem em capoeiras e ambientes alterados", diz Silva, que recebeu R\$ 17 mil da WWF-Brasil (Fundo Mundial para a Natureza) para sua pesquisa. "As florestas secundárias nos arredores de Recife e Itamaracá são bons exemplos das florestas do futuro."

A peculiaridade da mata atlântica ao norte do rio São Francisco, segundo Silva, está numa combinação de elementos atlânticos e amazônicos. Muitas espécies de aves amazônicas ocorrem na floresta atlântica somente ali, elas não cruzam o rio. Várias espécies são endêmicas (só existem ali).

A região de Muriç, em Alagoas, foi considerada uma das mais importantes em toda a América do Sul para a conservação da aves ameaçadas. Foram encontradas lá 13 espécies ameaçadas.

Para prevenir a extinção, Silva e Tabarelli acreditam que não basta montar um arquipélago de áreas de conservação (reservas) pequenas, que hoje não passam de 500 hectares. Elas são incapazes de sustentar populações de grandes animais. O melhor seria criar algumas reservas maiores, ligadas por corredores que os animais pudessem utilizar sem risco.

Editoria de Arte/Folha Imagem

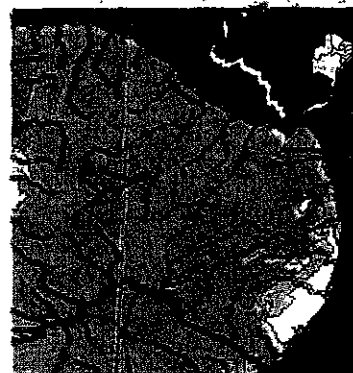
A região estudada

Caatinga envolve manchas de mata atlântica no Nordeste

 Florestas costeiras de Pernambuco

 Florestas do interior de Pernambuco

 Caatinga



Fonte: Fundo Mundial para a Natureza (WWF)

Documentação

QUI-AMBIENTAL fsp

Fonte

Data 2/3/2000 Pg 1-18

Class. 16